

## Introdução

Na sociedade brasileira atualmente são constantes as queixas quanto aos altos índices de violência nos centros urbanos, casos relacionados em geral, ao uso de drogas e/ou à desestabilização da família, o desemprego, o individualismo exacerbado e uma conseqüente falta de solidariedade, apontando-se o “declínio moral” como responsável pela formação de um indivíduo “sem moral”. Alguns vêem a Educação como um meio eficiente que garantiria a solução de ao menos parte desses problemas; outros a consideram como um dos principais responsáveis por não ter sido capaz de prevenir ou abrandar os problemas das grandes cidades, apontando a própria crise da instituição educacional como um mero reflexo do macrocontexto no qual ela se insere.

De qualquer modo, o sistema educacional encontra-se na berlinda quanto às suas falhas, a falta de efetividade do ensino, constatando-se um alto índice de repetência e evasão escolar, a falta de disciplina e respeito, apontados como um empecilho para que se efetive uma aprendizagem real. Falhas na realidade que seriam sanadas com um tipo especial de educação com o qual fosse possível alcançar o objetivo máximo da educação: a cidadania.

Em geral, quando a questão é a qualidade do ensino, as ciências da educação abordam um tema central, analisando o conhecimento dos professores, os saberes, o saber-fazer, suas competências e habilidades. Porém, segundo a proposta de Tardif (2000), quando o objeto de pesquisa é a subjetividade do professor, deve-se ter a preocupação de resgatar o “sujeito ativo de sua própria prática”.

Segundo ele, uma visão cognitivista que define as características do professor perito ou eficiente, reduz a subjetividade do professor à sua cognição e acaba por colocá-lo como um simples técnico que coloca em prática a transmissão de conhecimentos externos ao seu cotidiano. Ao contrário, uma visão que não se preocupe somente com representações cognitivas, mas também se volte às dimensões afetivas, normativas e existenciais, garante que o professor contribua com sua experiência e conhecimento prático, permitindo sua atuação como “cerne do processo concreto de escolarização”. (Tardif, 2000)

Desse modo, privilegiando as concepções dos professores como ponto central, este trabalho pretende dar seqüência a um projeto maior, “Contextos infantis de construção de

conhecimento e formação de subjetividade da criança e do educador”, coordenado pela Profa. Dra. Vera Maria Ramos de Vasconcellos, então titular de Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, em parceria com o Prof. Dr. Wolfgang Friedlmeier, da Universidade de Konstanz, na Alemanha. Um dos principais propósitos desse projeto no lado brasileiro tem sido analisar as crenças e valores de professores da Educação Infantil.

Em uma 1ª. etapa desse amplo projeto realizada em 1997/98, foram ouvidos 23 professores e 24 pais ou responsáveis de crianças de 5 a 6 anos de idade matriculadas no 3º. período de 8 creches municipais da cidade de Niterói no Estado do Rio de Janeiro.

Cada professora deveria escolher 2 (duas) crianças da sua turma como fáceis e 2 (duas) como difíceis, descrevendo as características de cada uma. Como contraponto, cada uma também falou sobre a sua concepção de criança ideal. Foram realizados 2 tipos de videogravações, sendo um de atividades em sala de aula e outro de uma atividade surpresa realizada pela professora com as 4 (quatro) crianças selecionadas por ela. A entrevista continha um roteiro com os seguintes tópicos: objetivos educacionais, formas de educar e suas estratégias, relação específica entre as estratégias e os objetivos selecionados.

As primeiras análises foram realizadas pela Profa. Dra. Adelaide Alves Dias<sup>1</sup> em sua tese de doutorado intitulada “A Autonomia enquanto fundamento da educação moral na educação infantil: concepções e práticas”, a partir das entrevistas das educadoras quando se investigava sobre os principais objetivos da Educação infantil, aparecendo a Autonomia como o principal deles.

A tese tinha como objetivos analisar as concepções de autonomia, moral e educação moral das educadoras infantis (Questionário de Objetivos Educacionais) e relacionar tais concepções com o desenvolvimento de práticas pedagógicas (Entrevistas) na Educação Infantil. Análises e conclusões detalham cuidadosamente como se deu a formação dos professores ao longo do período em que se realizou a pesquisa que durou 5 anos: pesquisador e pesquisado, preocupados com a educação moral de crianças pequenas, desenvolveram a construção de um conhecimento teórico-prático, em uma perfeita parceria entre co-autores, conscientizando-se de que a educação infantil deve ter como principal

---

<sup>1</sup> Atualmente é professora da Universidade Federal da Paraíba e defendeu sua tese pela Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, em 2001.

objetivo a formação total da criança, como ser social, moral e ético, baseando-se em Puig e sua teoria da construção da personalidade moral. (Dias, 2001, p. 161)

As respostas das professoras referentes às suas concepções de crianças foram analisadas por diversos ângulos e em trabalhos diferentes, como por exemplo, as características das crianças difíceis<sup>2</sup>, cujos estudos mostraram que a maioria delas era descrita apresentando algum tipo de déficit, como “não consegue interagir”, “não tem coordenação motora”, “não se coloca”, “não se integra nada”, “não participa”, “não consegue atingir o ritmo da turma”, entre outros, concluindo que as descrições de tais déficits se remetem a um modelo ideal a ser atingido, como se a criança difícil não estivesse pronta.

Quanto às crianças ideais<sup>3</sup>, as descrições eram relativas a uma criança “dócil”, “educada”, “feliz”, apontando-a como autônoma implicitamente na maioria das vezes, não mais se referindo a uma criança, mas sim a um adolescente ou mesmo a um adulto, como a um modelo a ser alcançado.

Um outro trabalho, “Um ideal de criança na perspectiva do professor: fácil ou difícil?”<sup>4</sup>, pretendendo uma análise comparativa entre a criança ideal e a fácil, mostra que as características das falas das educadoras relativas às habilidades relacionadas à escola aparecem em apenas duas dentre as 23, apesar das entrevistas terem sido realizadas em espaço físico de educação infantil, o que se levou a concluir que um ideal de criança é constituído a partir do ponto de vista educacional como um todo. Esse mesmo trabalho também aponta que, ainda que algumas professoras se recusassem a considerar a questão da criança ideal, por vezes, até se recusando a respondê-la, ao descrever uma suposta criança, algumas delas adotaram características semelhantes às das crianças selecionadas por elas como fáceis, denunciando também uma referência a um modelo concebido.

---

<sup>2</sup> As análises foram realizadas na monografia de final de curso de graduação de Psicologia da Universidade Federal Fluminense por Flávia Maria Cabral de Almeida, em 2001.

<sup>3</sup> As análises foram realizadas pela autora deste presente trabalho que fizeram parte da monografia “Autonomia: um ideal de criança?” exigência parcial para a conclusão do curso de Psicologia na Universidade Federal Fluminense, em 2001.

<sup>4</sup> Este trabalho foi apresentado na XXXI Reunião Anual de Psicologia realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro pela Sociedade Brasileira de Psicologia, em 2001.

Resultados das análises das videograções e das entrevistas<sup>5</sup> contendo as falas das professoras sobre as crianças fáceis e difíceis demonstraram que “a predominância racial das crianças apontadas pelas professoras como difíceis eram de maioria negra e as apontadas como fáceis, eram de maioria branca”. (Silva, 2002)

Este presente trabalho começa a ser delineado, caminhando na direção de um possível perfil dessa criança difícil constituído a partir dessas várias análises: a maioria da raça negra, do sexo masculino, sendo descrita como “agressiva”, como alguém que “não aprende nada”, possuindo algum déficit na sua personalidade.

Casos de crianças consideradas problemáticas, em geral, estão relacionados com uma vida escolar com repetências ou evasões, surge, então, um problema a ser esclarecido: *As crianças consideradas difíceis têm um desenvolvimento igual às consideradas fáceis quanto à escolaridade?* Assim, o objetivo deste trabalho é realizar um estudo tipo *follow up*, localizando essas crianças, investigando em que medida este rótulo influenciou na trajetória de sua vida na escola até o ano corrente, quando estão com idade entre 11 e 12 anos, portanto, devendo estar freqüentando a 4ª. ou 5ª. séries do ensino fundamental.

Partindo do pressuposto que crianças consideradas difíceis recebem uma carga maior de autoridade (Eriksson, 1976), o que poderá acarretar um atraso no desenvolvimento de sua autonomia, serão analisadas também questões sobre as concepções de crianças autônomas e as estratégias usadas pelos professores do ensino fundamental na promoção da autonomia dentro de sala de aula, a partir de uma análise comparativa com aquelas professoras dessas mesmas crianças quando estavam nas creches, sendo usadas as mesmas categorias das análises das falas dessas professoras. (Dias, 2001)

Em um segundo momento, os professores atuais do ensino fundamental dos pré-adolescentes localizados foram entrevistados sobre as suas concepções de crianças fáceis ou difíceis, descrevendo esse aluno e suas características, provocando uma discussão aprofundada ao nível do ensino fundamental, uma vez que, unido à educação infantil, integra um mesmo processo de formação da criança.

---

<sup>5</sup> Os Estereótipos Racistas nas Falas de Educadoras Infantis: Suas Implicações no Cotidiano Educacional da Criança Negra, dissertação de mestrado de Vera Lucia Néri da Silva na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2002.

É na pretensão de uma co-autoria com a Educação que este trabalho de psicologia tenta clarear distorções e dúvidas sobre a educação moral, principalmente na promoção da autonomia de crianças no contexto escolar, a fim de que não se confunda autonomia com “liberdade de se fazer o que quiser” ou simplesmente como sinônimo de “independência”.

Um panorama sobre a contemporaneidade será apresentado no Capítulo 1, na tentativa de um resgate do papel da educação que tem sido alvo de críticas, tanto na família quanto na escola, acusadas uma e outra de incapacidade de neutralizar a influência negativa da mídia e da cultura do consumo exagerado na formação das crianças, tentando responder questões como: Que educação é possível diante do caos da modernidade?

Levando-se em conta que, dentre as diversas saídas diante desse caos, a educação está permanentemente revisitada como uma possível solução dos problemas a médio e longo prazo, neste capítulo 2, defende-se a transversalidade como um caminho a ser seguido, atravessando todos os âmbitos da educação, apostando-se em um tipo especial de educação moral como dimensão formativa da criança. É a partir dessa definição, em contraponto com outras diversas modalidades de educação moral, supondo-se uma abrangência maior do que vem a ser Educação, que se fará a apresentação da abordagem de Puig que engloba aspectos naturais, emocionais, comportamentais, cognitivos e sócio-históricos, relativos à esfera da vida pessoal.

No capítulo 3, introduzida a explicação histórica do conceito de criança difícil, esta será focalizada na visão global da teoria do construtivismo, em oposição à visão parcial da psicologia behaviorista que dá ênfase ao comportamento, apresentando o conflito como uma estratégia necessária para a construção da autonomia, como fundamento principal da educação moral. Alternativas são lançadas para uma mudança de eixo na relação professor-aluno no que se refere ao comportamento e à disciplina dessa criança, com o objetivo de dar mais visibilidade àquela que é coadjuvante na atuação do seu próprio processo de construção dentro do contexto escolar: a criança além de aluno, um cidadão.

Será apresentada a investigação empírica descrita a partir de cada detalhe do desenvolvimento da pesquisa, de sua análise à discussão de resultados, no capítulo 4, tendo como objetivo um estudo follow up, focalizando 15 crianças consideradas fáceis ou difíceis, aos 5 e 11 anos, por professores diferentes, na creche e no ensino fundamental. As crianças foram analisadas quanto ao gênero, conceito fácil/difícil, autônomo/não-autônomo,

comportamento social/individual, além das habilidades relacionadas ou não ao contexto escolar. As concepções dos professores também foram avaliadas quanto à autonomia e estratégias em sala de aula.

E, concluindo-se, no capítulo 5, estão sendo apresentadas as propostas e reflexões a partir deste trabalho que, mais do que responder a diversas questões que provocaram o início desta pesquisa, a idéia é que este seja proposto como um instrumento que delinea toda a discussão necessária em busca de um objetivo comum: a formação integral do indivíduo dentro da escola que, antes de ser um aluno, é um ser humano, com todos os seus princípios, valores e conflitos.